

AS FORMAS DE TRATAMENTO NOMINAIS EM QUESTÃO:  
O USO DE *MACHO* E *RAPAZ* NO FALAR DE FORTALEZA

NOMINAL ADDRESS FORMS IN QUESTION: THE USE OF *MACHO*  
AND *RAPAZ* IN THE POPULAR SPEECH OF FORTALEZA

Aluiza Alves de Araújo

Universidade Estadual do Ceará

aluizazinha@hotmail.com

Tatiane de Araujo Almeida Studart Guimarães

Universidade Estadual do Ceará

tatianeasguimaraes@gmail.com

Hebe Macedo de Carvalho

Universidade Estadual do Ceará

macedohebe@hotmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa sobre as formas de tratamento *macho* e *rapaz*, no falar popular de Fortaleza, objetiva analisar os fatores que influenciam na realização da variante *macho*. Seleccionamos 53 informantes do banco de dados NORPORFOR e verificamos o domínio da variante *macho* sobre a forma *rapaz*. O fator de maior relevância para o *macho* foi a faixa etária. O *macho* é uma forma que indica solidariedade, produzida, principalmente, entre homens jovens e ocorre em conversas com alto grau de intimidade. Os dados oferecem indícios de que o *macho* seja uma variante não estigmatizada e típica da fala dos mais jovens e é usada por informantes de distintos níveis de escolaridade, sendo os mais escolarizados os que mais favorecessem o uso.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento nominal. Macho e Rapaz. Sociolinguística Variacionista. Falar Fortaleza.

ABSTRACT:

This research on ways of treating *macho* and *rapaz*, the popular talk of Fortaleza, aiming to analyze the factors that influence the achievement of the *macho* variant. We selected 53 informants of NORPORFOR and we see the predominance of *macho* variant on the *rapaz* fashion. The most relevant factor for the *macho* was age. The male is a form

indicating solidarity, produced mainly among young men and is in talks with a high degree of intimacy. The data provide evidence that *macho* is a non-stigmatized and typical variant of speech of younger, as it appears in our data only in the first two age groups and the most educated are the ones that produce the most.

KEYWORDS: Nominal address forms. *Macho* and *Rapaz*. Variationist Sociolinguistics. The popular speech of Fortaleza, Brazil.

## Introdução

Embora as formas pronominais de tratamento sejam amplamente discutidas no Brasil, ainda há uma grande carência de estudos no que concerne às formas nominais tratamentais, visto que há poucos trabalhos que procuram descrevê-las, assim como há escassez de pesquisas sobre o português brasileiro que se debruçaram sobre esse tema.

Em Fortaleza, é muito comum o uso das formas *macho* e *rapaz* para chamar ou se referir a uma pessoa do sexo masculino. Este estudo tem como objetivo investigar essas formas variantes com função de formas tratamentais. Ressaltamos que essas formas foram as mais produtivas no conjunto de formas nominais de tratamento encontradas no *corpus*<sup>1</sup>. A seguir, apresentamos dois excertos retirados da nossa amostra, que ilustram o fenômeno em estudo:

(1) Inf. 1: aí *macho* eu vacilei oh mah... vacilei sabe por quê? porque eu lá eu tava conversando com a mulher do S. néh? aí eu já tava de olho na loirinha já... aí o S. não foi dançar mais ela...

(Inf.35, homem, 21 anos, entre 5 a 8 anos de escolaridade)

(2) Inf. 1: [...] ele disse *rapaz* olha eu era pequeno eu... eu naquela época inventaram o kichute kichute era o mó sucesso do mundo o kichute aí o sapato dele tava novim ia começar as aula e tudo e o (sapato dele) era bem pequenininho aí pai dá um kichute e tal o pai dele olha o material escolar tá muito pesado aí eu num vou... não vou poder... aí pronto ele chororô ele chorou ele chorou chorou e o pai dele ficou calado a mãe dele ficou calada ele chorando eu quero um kichute eu quero um kichute meu filho óh o sapato tá novim vai dar pa você fazer o oto ano quando eu tiver mais folgado eu lhe dou o kichute

(Inq. 04 Inf. 1: Homem, 44 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos; Inf. 2: Mulher, 42 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos, grifo nosso).

---

<sup>1</sup> As formas menos recorrentes foram *cara*, *meu amigo*, *meu filho* e *meu irmão*.

Este estudo assume os pressupostos básicos da teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972) por conceber a relação língua e sociedade, sendo a língua considerada dinâmica, heterogênea, condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Para Weinreich *et al* (2006 [1968], p.107), além de atestar a existência ou a importância da variação, é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente e incorporá-los a análise da estrutura linguística.

As principais hipóteses levantadas, para o uso da variante *macho*, foram as seguintes: a) os homens são seus aliados; b) os mais jovens a favorecem; c) as situações de grande intimidade a beneficiam; d) os menos escolarizados privilegiam o seu uso; e) os homens conversando entre si, independentemente da faixa etária, beneficiam o seu emprego; f) conversas mais espontâneas, como brincadeiras/observações irônicas e relacionamento amoroso, privilegiam a sua aplicação; g) os relatos originais a beneficiam; h) as afirmativas declarativas no modo indicativo a favorecem; i) presença de efeito gatilho a privilegia; j) a presença de paralelismo a beneficia.

A relevância desta pesquisa está no fato de não encontrarmos estudos concernentes às formas de tratamento nominais em Fortaleza. Vale salientar que o vocábulo *macho* é muito usado pelos fortalezenses com valor de tratamento, sendo possível reconhecer a procedência do falante que a usa. Conhecer essas formas nominais é imprescindível para a descrição de mais uma variedade do português brasileiro.

Este estudo está organizado em cinco seções principais: na primeira, temos esta breve introdução; na segunda, destacamos as características das formas nominais e comentamos alguns estudos já realizados no Brasil, abordando fenômenos semelhantes; na terceira, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa; na quarta seção, apresentamos os resultados e os interpretamos; e, na quinta seção, finalizamos com as considerações finais.

## 1. As formas de tratamento

Segundo Preti (2004), Duarte (2011; 2010), Rodrigues (2003) e Cintra (1972), o sistema de tratamento do português não se limita apenas aos pronomes e pode ser representado de três formas: formas pronominais, formas pronominalizadas e formas nominais. Essas formas (doravante FT) estão ligadas a muitos fatores decorrentes de situações de interação, como intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder. Preti (2004, p.184) informa que elas podem “ocorrer nos diálogos ou nos vocativos e, nestes, apresentam uma grande

variedade, aberta às mais inesperadas *situações de comunicação*” (grifos do autor).

O uso de cada FT, segundo Preti, depende de vários fatores, dentre eles o *status* e o papel social que exercemos. O *status* pode ser tanto adquirido como atribuído, mas isso vai exigir do indivíduo determinados comportamentos considerados convenientes para o *status* que ele ocupa. As relações sociais, em geral, exigem determinadas formas tratamentais, como por exemplo, em relações de solidariedade ou entre amigos de idade próxima o uso de *senhor* não é esperado. Ao passo que em relações assimétricas, formais, essa seria a forma supostamente exigida.

Há alguns estudos (CAMPELO, 2011; MACHADO, 2010; SANTOS, 2013) que versam sobre as formas pronominais no português brasileiro. Campelo (2011) mostra a contribuição da metáfora antropofórica<sup>2</sup> para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos), das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). O autor apresenta 25 exemplos de ocorrências retiradas tanto de obras de ficção quanto de um *corpus* oral e analisa esses dados. Verifica que algumas marcam simetria e distensão, como *cara, meu amigo, meu irmão*. Outras são restritas a algumas regiões, como *meu*, para São Paulo, e *macho véi* (variantes *macho, mah*), para o Ceará. Campelo (2011, p.150) conclui que a axionímia lexical “representa um estágio de metaforização em que há uma recuperação da motivação referencial original de forma mais direta, tais como nos axiônimos estratofóricos, etnofóricos, cronofóricos, androfóricos, calofóricos, genofóricos, toposfóricos, trofosfóricos, zoofóricos e escatofóricos”, que são exemplificados em sua pesquisa.

Machado (2010) também se preocupou com as formas nominais, no falar de Aracaju-SE. Ela ressalta que a intenção do falante e o tipo de impacto causado no interlocutor estão relacionados aos pronomes e estão divididos conforme o grau de subserviência; formalidade/respeito; ou, ainda, de acordo com a intenção de criar uma situação de intimidade com o interlocutor. As formas nominais de tratamento *senhor(a), dona* e o pronome *seu* indicam formalidade e respeito, são de uso comum em diferentes esferas da sociedade e são pronunciados tanto de maneira recíproca, quanto em relações assimétricas<sup>3</sup> de poder. Já as formas

---

<sup>2</sup> Segundo Campelo (2011, p.133), “a metáfora antropofórica funda a construção da referência humana em caráter lexical e gramatical. Por meio da metáfora antropofórica lexical, nomes em geral servem de fonte para a dação de antropônimos e axiônimos, vez que se selecionam traços semânticos culturalmente relevantes dos referentes e eventos designados por tais nomes”.

<sup>3</sup> As relações assimétricas são aquelas relações interpessoais em que um indivíduo exerce poder sobre o outro, como nas relações entre chefe e funcionário, pais e filhos, professor e aluno ou médico e paciente.

de tratamento *moço(a)*, *tio(a)*, *mulher*/[*mulhé*], *homem* [ómi], *meu irmão* [mermão], *brother*, [fia], *compadre* [cumpadi], *comadre* [cumadi], *meu filho* [mofio], *madame* e *senhorita* indicam intimidade entre os interlocutores. O uso de *tio(a)* restringe-se às crianças e jovens quando se dirigem a pessoas mais velhas e tentam criar uma noção de proteção do adulto com relação ao mais jovem. A autora mostra um fato curioso relacionado ao uso de *meu filho*, que ocorre entre amigos jovens da mesma idade, em geral usado “para demonstrar ou confirmar que o falante tem mais razão ou mais entendimento em algum aspecto com relação ao ouvinte” (MACHADO, 2010, p.9).

Na pesquisa sobre as formas de tratamento para se dirigir às mães, por falantes de Jequié-BA, Santos (2013) encontrou as formas *mainha* (32%), *mãe* (29%), *minha mãe* (26%), *mamãe* (7%) e outra forma: *mãenhê*, *maminha*, *brodinha*, *coroa*, *filha*, *rapaz e bebê* (7%). A autora observou que os fatores sociais (faixa etária, escolaridade e gênero) influenciaram o favorecimento de uma das variantes, bem como o seguinte registro: nas falas mais espontâneas, o uso da forma *mãe* é mais acentuado, enquanto nas falas menos espontâneas há a predominância da forma *mainha*.

De modo geral, observamos que há poucos estudos no Brasil abordando formas de tratamento nominais. O mesmo não ocorre na Europa, visto que há muitas pesquisas, a exemplo dos estudos realizados por Rodrigues (2003), que estuda as FTs associadas à questão da cortesia, e Duarte (2010; 2011), que investiga esse tema no ensino de língua materna.

## 2. Metodologia

### 2.1 O corpus e a amostra

Analisamos dados do *corpus* do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante, NORPOFOR), constituído com o intento de documentar e fornecer dados de língua falada em três registros distintos para o estudo do falar popular de Fortaleza. Seus informantes, 197 ao todo, foram estratificados de acordo com as seguintes variáveis sociais: sexo (homens e mulheres); faixa etária (I: 15 a 25 anos, II: 26 a 49 anos e III: a partir dos 50 anos); escolaridade (A: 0 a 4 anos, B: 5 a 8 anos, e C: 9 a 11 anos); e tipo de registro (Diálogo entre Dois Informantes: D2, Diálogo entre Informante e Documentador: DID, e Elocução Formal: EF) (AUTOR). No referido banco de dados, os informantes são, de acordo com Autor, fortalezenses natos ou vieram morar em Fortaleza com, no máximo, cinco anos de idade; seus pais

são cearenses; nunca se ausentaram dessa cidade por um período superior a dois anos consecutivos; moram na capital cearense.

Para esta pesquisa, selecionamos 53 informantes do *corpus* NORPOFOR, alojando, em cada célula, três informantes, com exceção de uma única célula, a que apresenta as seguintes características: sexo feminino, de 15 a 25 anos e de nenhum a 4 anos de estudo, por só termos 02 informantes disponíveis nesta célula.

Escolhemos as variantes *macho* e *rapaz* apenas no Diálogo entre Dois Informantes - D2, porque nosso interesse era o de estudar estas formas em situação de fala o mais próximo possível do vernáculo. Sobre o D2, a autora esclarece que os interlocutores podiam escolher sobre o que falar, e, em geral, suas conversas tratam de assuntos do cotidiano, como trabalho, família, lazer. Ao falar sobre assuntos desse tipo, “o informante se envolvia, emocionalmente, com o conteúdo narrado, despreocupando-se com a forma como falava” (Autor, p. 842). Além do(s) assunto(s), o informante escolhia o local, o dia e o horário da gravação, o que tornava a situação mais natural.

Quanto à nossa pesquisa, observa-se uma relação entre escolaridade e renda, analisando o perfil socioeconômico dos informantes do NORPOFOR, pois, os bairros onde os chefes de família possuem maiores níveis de renda também são aqueles onde os chefes de família possuem o maior nível de escolaridade. O mesmo ocorre com o inverso: em bairros onde o chefe de família possui as menores rendas, há pouca escolaridade.

## 2.2 Variáveis

### 2.2.3 Variável dependente

A variável dependente é o fenômeno que desejamos estudar, no caso a variação das formas de tratamento *macho* e *rapaz*.

### 2.2.4 Variáveis independentes

As variáveis independentes são aquelas que condicionam a variável dependente e se classificam em variáveis linguísticas ou sociais. Como não há pesquisas variacionistas no português brasileiro sobre as formas de tratamento abordadas neste trabalho, não tínhamos parâmetro para a seleção das variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas), então optamos por adotar as mais recorrentes nos trabalhos das formas de tratamento pronominal.

Controlamos dez variáveis linguísticas, a saber: estrutura do verbo (verbo

simples, verbo composto e locuções verbais); posição em relação ao verbo (antes do verbo e depois do verbo); paralelismo (com paralelismo- primeiro da série; com paralelismo- não primeiro da série; forma de tratamento isolada); efeito gatilho (com efeito gatilho e sem efeito gatilho); tipo de verbo (*dicendi*, epistêmico, estado, ação, verbo ter); tópico discursivo (conversas casuais, conversas relacionadas ao trabalho, conversas sobre relacionamento amoroso, observações irônicas/brincadeiras, conversa sobre terceiros, recordações, religião e repreensão); tempo verbal (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, infinitivo pessoal); tipo de entonação (interrogativa e não interrogativa); tipo de relato (original e reportado); e polaridade da sentença (negativa e afirmativa).

Foram investigadas cinco variáveis extralinguísticas: faixa etária (I - 15 a 25 anos; II- 26 a 49 anos; III - a partir de 50); escolaridade (nenhum a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos); sexo (masculino e feminino); grau de intimidade entre os informantes (alto e baixo); e grau de simetria entre os interlocutores (muito simétrico, totalmente assimétrico, parcialmente simétrico e parcialmente assimétrico).

Devemos esclarecer que não fizemos distinção entre as variantes fonéticas *macho*, *mah*, *mar*, *mancho* e *man* encontradas na nossa amostra, pois todas foram consideradas, para que tivéssemos um número maior de dados para a forma *macho*. Também não fizemos distinção entre as variantes fonéticas *rapaz*, *rapaiz*, *rapá*.

Feita a leitura e a audição dos inqueritos, codificamos todas as ocorrências e as digitamos em um arquivo no formato .tkn, para, enfim, submetermos os dados ao programa GoldVarb X (Sankoff *et al*, 2005).

### 3. Discussão da análise e resultados dos dados

Foram registrados 438 ocorrências, distribuídas assim: 341 dados para *macho* (77,9%) e apenas 97 (22,1%) para *rapaz*. Com base nesses dados, o GoldVarb X<sup>4</sup> selecionou seis das 12 variáveis submetidas à análise. Foram elas, por ordem decrescente de relevância: faixa etária, tópico discursivo, paralelismo, tipo de relato, escolaridade e grau de simetria. Lembramos que o grau de intimidade entre os informantes, o tipo de verbo e o tempo verbal foram excluídos na segunda análise. O sexo, a entonação, a referência do pronome, a posição

<sup>4</sup> Nesta análise, o melhor *step up* foi o 58 (*Input* 0.847, *Log likelihood* = -167.081, *Significance* = 0.011).

em relação ao verbo, a estrutura do verbo, a polaridade e o efeito gatilho não foram considerados significativos pelo programa. A seguir, discutiremos cada uma das variáveis selecionadas.

### 3.1 Faixa etária

A faixa etária é apontada pelos estudos variacionistas como uma variável social importante, uma vez que pode fornecer dados sobre o grau de estabilidade da variável linguística em estudo, se o fenômeno estudado apresenta variação estável ou sinaliza mudança em progresso.

Araújo (2007), em seu artigo sobre a variável faixa etária nos trabalhos sociolinguísticos, chegou à conclusão de que, quando a variável é um fenômeno em uma possível mudança em curso, ela é mais recorrente na fala dos jovens do que na fala dos idosos; já quando se trata de uma variável estável, os mais jovens e os mais velhos apresentam frequências mais altas da variante inovadora e os medianos (devido às pressões de mercado, etc.) apresentam uma frequência significativamente mais baixa.

Em concordância com a literatura especializada, esta variável extralinguística foi apontada como a mais relevante. Conforme demonstra a tabela 01, o uso de *macho* é, como esperávamos, favorecido apenas pelos jovens (15 a 25 anos), com 90,2% e peso relativo de 0,663, ao passo que os adultos (26 a 49 anos) desfavorecem seu emprego, com 46,3% e peso relativo de 0,150. Vale lembrar que nos informantes com mais de 49 anos não houve ocorrência da forma *macho*, sendo *rapaz*<sup>5</sup> a forma preferida pelos falantes dessa faixa etária. Esse dado corrobora com a nossa hipótese de que jovens favorecem o uso da forma *macho* no falar fortalezense.

Foram retirados da rodada os informantes com mais de 49 anos devido à falta de dados para *macho*, embora tenhamos encontrado um número significativo para a forma *rapaz*<sup>6</sup>. Essa informação nos leva a acreditar que se trata de uma variante típica dos mais jovens.

---

<sup>5</sup> Poderíamos ter reunido, em um único fator, os dados dos mais velhos, que foram categóricos para *rapaz*, com as ocorrências dos indivíduos adultos. No entanto, decidimos excluir todos os dados com nocautes, já que preferimos, nesta análise, não trabalhar com ocorrências de efeito categórico.

<sup>6</sup> Poderíamos ter reunido, em um único fator, os dados dos mais velhos, que foram categóricos para *rapaz*, com as ocorrências dos indivíduos adultos. No entanto, decidimos excluir todos os dados com nocautes, já que preferimos, nesta análise, não trabalhar com ocorrências de efeito categórico.

Tabela 01: Atuação da faixa etária sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Faixa etária I (15 a 25 anos)</i>	284/315	90,2	0,663
<i>Faixa etária II (26 a 49 anos)</i>	57/123	46,3	0,150

Em sua pesquisa sobre o falar de Fortaleza, Soares (1980) tem como principal objeto de estudo os pronomes de segunda pessoa, mas também apresenta algumas formas nominais de tratamento que se mostraram recorrentes em seus dados: “*doutor, menino, meu filho, chefe, conterrâneo, bichinha, rapaz, homem, Dona M, minha velha* ou o nome ou apelido do interlocutor” (SOARES, 1980, p.80). A forma *macho*, muito frequente na amostra do Norpofor, não é mencionada pela autora. Esse dado pode indicar que, essa é uma variante inovadora no falar de Fortaleza.

### 3.2 Tópico discursivo

Tabela 02: Atuação do tópico discursivo sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Observações irônicas/brincadeiras</i>	20/21	95,2	0,728
<i>Recordações</i>	12/22	54,5	0,717
<i>Conversa sobre relacionamento amoroso</i>	27/29	93,1	0,710
<i>Conversa sobre terceiros</i>	26/28	92,9	0,577
<i>Conversa Casual</i>	236/299	78,9	0,483
<i>Conversa sobre trabalho</i>	20/39	51,3	0,194

A segunda variável selecionada foi o tópico discursivo, referente aos assuntos abordados pelos interlocutores na nossa amostra. Elas foram separadas em:

- observações irônicas/brincadeiras, aquelas brincadeiras e comentários humorísticos:

(3) Inf. 2: tu não convida nem a mulher pra i:: joga é::...

Inf. 1: na::m.. tu é doido é *mah*.<sup>7</sup>.. boto ela lá pra casa da mãe dela *mah*...

Inf. 2: não *mah*... faz isso não *mah*... é tua esposa *mah*... vai fazer pra que isso?

(Inq. 153 - Inf. 1: Homem, 24 anos, escolaridade entre nenhum a 4 anos; Inf. 2:

Homem, 18 anos, escolaridade entre nenhum a 4 anos)

- recordações são lembranças dos informantes sobre sua infância, adolescência ou qualquer lembrança relacionada ao passado:

(4) Inf. 1: é com medo de errar sem estudo né? ai um irm/a minha mãe os meus irmão *rapaz* cadê o dinheiro *mah* pegou esse dinheiro emprestado tu tem coragem? pegar dinheiro emprestado pra poder tirar a carteira e se tu não passar *macho* e tal (não *mah* eu tenho não) eu sei né... ai... meu cunhado chegou pra mim e disse A. eu dou mór força pra você *rapaz* tome o bicho era inteligente trabalhava com eletricidade... [...]

(Inq. 52 - Inf. 1: Homem, 34 anos, escolaridade entre 5 a 8 anos; Inf. 2: Homem, 35 anos, escolaridade entre nenhum a 4 anos)

- Conversa sobre relacionamento amoroso diz respeito às conversas que giravam em torno das relações amorosas dos informantes:

(5) Inf. 1: aí *macho* eu vacilei oh *mah*... vacilei sabe por quê? porque eu lá eu tava conversando com a mulher do S. néh? aí eu já tava de olho na loirinha já... aí o S. não foi dançar mais ela... [aí ela pegou disse assim...

Inf. 2: [S. é a:: é a::...

Inf. 1: o S. o S. irmão da M. aí ele pegou e/ aí ela pegou e... falou assim pra ele ei S. aquele teu colega ali é só o filezinho né não sei o quê... dizendo oh...

(Inq. 35 - Inf. 1: Homem, 21 anos, escolaridade entre 5 a 8 anos; Inf. 2: Homem, 21 anos, escolaridade entre 5 a 8 anos).

- Conversa sobre terceiros são aquelas em que as pessoas que são citadas na fala dos informantes não estão participando da conversa:

(6) Inf. 2: tô sabendo agora que tu tá me contar::do *mah*...

Inf. 1: por isso eles tão intrigado assim::... um e outro ali... conversan::do... ela tá começando a sair da sa::la... ele fofocando com a diretora... do jeito que aquele bicho é fofoque::iro...

Inf. 2: e ele não era casado não ele?... ele dizia pra gente que era casa::do...

<sup>7</sup> Nas transcrições do NOPORFOR foram encontradas variações para *macho*, como *mah*. Nesta pesquisa, armazenamos os dados.

Inf. 1: é... ele é casado mas o bicho é gaiA::to *mah*... ele... eu pensei assim né... é... como é que po::de *mah*... um bicho daquele casad/ e tem duas fi::lhas *mah*... (Inq. 141 - Inf. 1: Homem, 15 anos, escolaridade entre 5 a 8 anos; Inf. 2: Homem, 16 anos, escolaridade entre 5 a 8 anos)

- Conversas casuais são aquelas que englobam assuntos do cotidiano e outros tipos de assunto que não foram contemplados nos fatores anteriores:

(7) Inf.1: é atualmente tá sendo... maior público público aqui ele é recorde quando o Fortaleza vem jogar aqui ele arranca um empate lá fora quando vem cá vem... cheio ele só num empatou esse daí por causa daquele gol fácil né? que o zagueiro fez Inf.2: contra né?

Inf.1: só que contra todo mundo diz mas que golaço mas também porque a/ aquela jogada ensaiada do Cruzeiro é de mais *macho* viu o A. pega aqui ele bota aonde quer e ela vem assim é difícil

(Inq. 14 - Inf 1: Homem, 38 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos; Inf 2: Homem, 35 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos)

- Conversas sobre o trabalho tratam justamente da rotina de trabalho dos informantes:

(8) Inf. 1: [...] trabalhava lá de/ com máquina... entrava lá dez da noite saia seis da manhã... LÁ O BARulho era grande VIU? E:: tinha a gente que ficava moco... viu? por causa dos barulho das MÁquina e é porque num usava abafador... a gente usava... e:: usava máscara também... e a poeira era grande... AI quando eu saí eu fazia exame de ouvido... aí a doutora disse *rapaz* você faz quantos ano que trabalha no barulho? aí eu falei... *rapaz*... já tou quase onze ano aqui dentro da (...)... teus ouvido tão só o (mi)... doutora e eu agradeço a Deus por não ter saído daqui moco... porque muita gente de lá moco... porque o BARULHO é GRAnde... os motor das máquina [deste tamanho...]

(Inq.132 - Inf.: 1: Homem, 52 anos, escolaridade entre nenhum a 4 anos; Inf. 2: Homem, 60 anos, escolaridade entre 5 e 8 anos)

De acordo cm os pesos relativos da tabela 02, as observações irônicas/ brincadeiras (0,728), assim como as recordações (0,717) e as conversas sobre relacionamento amoroso (0,710) favorecem de forma bastante expressiva o uso de *macho*. A conversa sobre terceiros (0,577), embora apresente um peso relativo menos expressivo que os demais, também parece indicar uma atuação positiva sobre a aplicação da forma *macho*. A conversa casual (0,483) e a conversa sobre o trabalho (0,194) nos levam a acreditar que inibem o uso dessa forma de tratamento.

É bom frisar que, a respeito das conversas sobre o trabalho, apesar da frequência da forma de tratamento *macho* nesse tipo de discurso ser alta (51,3%), o peso relativo apresenta-se muito baixo. Analisando todos os níveis desta rodada do GoldVarb X, o peso relativo desse fator permanece baixo em todas as rodadas, o que pode ser um indício de ser esse fator inibidor da forma *macho*. Como bem ressalta Preti (2004), as FT estão ligadas a muitos fatores decorrentes de cada situação de interação, dentre eles intimidade e solidariedade. O uso de *macho*, sendo uma forma nominal presente em relações solidárias, mostra-se favorecido em conversas em que o teor do assunto é de grande intimidade, como recordações e relacionamento amoroso, ou em relações solidárias, como as brincadeiras/observações irônicas. Hipotetizávamos que as conversas de maior intimidade, como as observações irônicas/brincadeiras, as conversas sobre relacionamento amoroso e a conversa sobre terceiros, favorecessem o uso do *macho*. Além de esta hipótese ter sido confirmada, notamos que as recordações também se mostraram favorecedoras do emprego do *macho*. Nas conversas sobre lembranças do passado, em que o informante tem domínio do assunto e confia no seu interlocutor, a presença do *macho* torna-se mais evidente. Assim, fica claro que quanto mais à vontade fica o falante, maior é o favorecimento dessa variante.

### 3.3 Paralelismo formal

Tabela 03: Atuação do paralelismo formal sobre a forma *macho* (*macho* x *rapaz*)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Não primeiro da série</i>	59/66	89,4	0,747
<i>Primeiro da série</i>	48/56	85,7	0,689
<i>Isolado</i>	234/316	74,1	0,409

A terceira variável selecionada, o paralelismo formal, conforme os pesos relativos da tabela 03, o primeiro da série (0,689) e o não primeiro da série (0,747) são favorecedores da variante *macho*, sendo que este último atua de forma mais acentuada sobre a variante, enquanto a forma isolada (0,409) a inibe.

Conforme esperávamos, a repetição da forma pelo interlocutor no mesmo turno<sup>8</sup> favorece o emprego do *macho*, enquanto a forma isolada desfavorece a variante, beneficiando o uso do *rapaz*.

Abaixo, podemos ver ocorrências da forma isolada, com o uso do *macho*:

(9) Inf.2: como é?... um amigo meu que tá me formando...

Inf.1: quem é ele *mah*?... pra me ensinar também?...

(Inq. 15 - Inf. 1: Homem, 25 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos; Inf. 2: Homem, 24 anos, com escolaridade entre 9 a 11 anos)

Neste outro caso, a presença do *macho*, com paralelismo:

(10) Inf. 2: vi::xe... o bicho é queixudo mesmo viu... aquelas gatas lá *mah*/ aquelas gatas lá...

Inf. 1: ei *mah*<sup>9</sup>... falando em gatinha... tem uma gata lá na/ lá na/ perto do trabalho da minha irmã... que lá no shopping oh... shopping A. ... ela/ vai é muito pra lá pra dentro oh... nós conversando com ela lá *mah*<sup>10</sup>... chega lá e conversa com ela... como é que é... né? (Inq. 141 - Inf. 1: Homem, 15 anos, escolaridade entre 5 a 8 anos, Inf. 2: Homem, 16 anos, solteiro, escolaridade entre 5 a 8 anos, grifo nosso)

Neste trecho acima, a presença do paralelismo favorece o aparecimento da forma *mah* (*macho*). Assim, quando ocorre a presença dessa variante na fala do informante, há mais chance de ela reaparecer no mesmo turno.

### 3.4 Tipo de relato

O tipo de relato<sup>11</sup>, quarto grupo de fatores selecionado, encontra-se assim dividido: relato original e relato reportado. O primeiro ocorre quando os interlocutores conversam usando a sua fala, enquanto o segundo refere-se à fala que já ocorreu e eles a retomam. De acordo com os pesos relativos da tabela

<sup>8</sup> Marchuschi (2003 [1986], p.89) define turno como “produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio, que é significativo e notado”. O autor lembra a diferença entre *ato de fala* e turno. No exemplo, “você me emprestaria o telefone/ que o meu está quebrado?”, são dois atos, mas um turno.

<sup>9</sup> Primeiro da série

<sup>10</sup> Não primeiro da série

<sup>11</sup> Utilizamos a mesma nomenclatura presente nos trabalhos de Alves (2010) e Lucca (2005), que definem relatos originais como relatos da própria pessoa e relatos reportados como relatos retomados pelo interlocutor.

04, o relato original (0,513) favorece o uso do *macho*, no entanto, de modo bastante discreto, ao passo que o relato reportado (0,179), nitidamente, inibe o seu emprego.

Tabela 04: Atuação do tipo de relato sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Original</i>	336/423	79,4	0,513
<i>Reportada</i>	5/15	33,3	0,179

Como conjecturávamos, o relato original favoreceu, mas, de forma muito branda, o uso do *macho*, enquanto o relato reportado a desfavoreceu. Atribuímos tal resultado ao fato de que, na conversa, entre nossos informantes, as formas de tratamento são bastante recorrentes, mas o *macho* só é usado quando há um alto grau de intimidade. Assim, ao reproduzir a fala de alguém, o informante opta por utilizar uma forma mais neutra.

Considerando todas as formas de tratamento presentes em nossa amostra, encontramos um total de 470 relatos originais, mas apenas 38 reportadas, sendo que 33 dessas eram ocorrências da forma *rapaz*. Constatamos que o nosso informante prefere, no caso de relato reportado, usar o *rapaz*, forma mais aplicada quando temos baixo grau de intimidade, como podemos ver no fragmento a seguir.

(11) Inf. 1: [...] ele disse *rapaz* olha eu era pequeno eu... eu naquela época inventaram o kichute kichute era o mó sucesso do mundo o kichute aí o sapato dele tava novim ia começar as aula e tudo e o (sapato dele) era bem pequenininho aí pai dá um kichute e tal o pai dele olha o material escolar tá muito pesado aí eu num vou...não vou poder...aí pronto ele chororô ele chorou ele chorou chorou e o pai dele ficou calado a mãe dele ficou calada ele chorando eu quero um kichute eu quero um kichute meu filho ó o sapato tá novim vai dar pa você fazer o oto ano quando eu tiver mais folgado eu lhe dou o kichute

(Inq. 04 Inf. 1: Homem, 44 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos; Inf. 2: Mulher, 42 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos, grifo nosso).

A forma *macho* não foi encontrada em situação de baixo grau de intimidade em nossos dados. Vale reforçar que, apesar de a variante *rapaz* ocorrer em situações de pouca intimidade, isso não significa que ela apareça em relações assimétricas. Soares (1980, p. 56) explica que “há assim formas neutras de

igual para igual usadas para expressar informalidade como *moço*, ***rapaz***, *cheife*, *amigo*, *colega*, e, com frequência, o nome próprio” (grifo nosso). O *rapaz* funciona como uma forma neutra de tratar o seu interlocutor, sem distanciá-lo, nem aproximá-lo demais.

### 3.5 Escolaridade

A escolaridade foi selecionada como a quinta variável que mais influencia a forma *macho*. Os pesos relativos, expostos na tabela 05, revelam que o *macho* é favorecida pelos falantes com 9 a 11 (0,626) e 5 a 8 anos de escolaridade (0,629), ao passo que os de menor escolaridade desfavorecem o seu uso (0,335).

Observamos que, somente entre os menos escolarizados, a frequência de uso da regra destoa bastante dos pesos relativos. Ao rever cada um dos níveis de análise da rodada, vimos que o peso relativo dos menos escolarizados vai diminuindo a partir do momento que entra a atuação de outros fatores. No primeiro nível de análise do *step up*, os informantes com nenhum a 4 anos de estudo apresentam peso 0,546 que vai reduzindo gradativamente a partir da atuação da faixa etária e do tipo de conversa. Ressalte-se que foram retiradas da rodada as ocorrências da faixa etária 3 que apresentou 100% de uso da forma *rapaz*.

Tabela 05: Atuação da escolaridade sobre a forma *macho* (*macho x rapaz*)

	Aplica/Total	%	P.R.
0-4 anos	154/190	81,1	0,335
5-8 anos	160/214	74,8	0,629
9-11 anos	27/34	79,4	0,626

Acreditávamos que essa forma fosse favorecida pelos menos escolarizados, mas isso não se confirmou, pois os informantes com a menor escolaridade foram os únicos que inibiram a realização da forma de tratamento *macho*. Como os mais escolarizados da amostra são os que mais utilizam essa forma de tratamento, podemos dizer que essa variante, mesmo sendo usada quando há um alto grau de intimidade, não é estigmatizada pelos informantes.

Em nossa amostra, o uso frequente da forma *macho* parece indicar que essa variante é uma marca identitária do falar fortalezense, tal como podemos

observar na página do *facebook*<sup>12</sup> do suricate seboso. A maior preferência dos mais escolarizados pela forma *macho* nos leva a crer que essa variante não seja estigmatizada entre eles.

### 3.6 Grau de simetria entre os informantes

Tínhamos como hipótese para esse grupo de fatores que as relações muito simétricas favoreceriam o uso do *macho*, principalmente de homem para homem e *rapaz*, como forma neutra, perpassaria gêneros, não sendo exclusivo de homens ou mulheres. Por isso, controlamos, em nosso trabalho, esta variável que se encontrava, inicialmente, assim, dividida:

Quadro 1: elaborado pelas autoras

Grau de simetria entre os informantes	
<b>Muito simétrico</b>	Os informantes apresentam a mesma idade e o mesmo sexo. Interação mútua, não sendo possível perceber quem domina a situação. O documentador não participa do diálogo.
<b>Parcialmente simétrico</b>	Os informantes possuem mesma idade e sexos diferentes. Interação mútua, havendo muita disputa pelo turno de fala. O documentador não participa do diálogo.
<b>Totalmente assimétrico</b>	Os informantes têm idades diferentes e sexos distintos. Um dos falantes tem maior poder sobre a situação. Pode haver interferência do documentador.
<b>Parcialmente assimétrico</b>	Os informantes apresentam idades diferentes e mesmo sexo. Um deles tem maior poder sobre a situação. Pode haver a interferência do documentador.

O grau de simetria que se refere ao sexo/gênero e idade do falante foi o último grupo de fatores selecionado. Os pesos relativos da tabela 06 indicam que o fator parcialmente assimétrico (mesmo sexo e idade diferente) favorece o uso do *macho* (0,612), enquanto o totalmente simétrico (sexo e idade diferentes) inibe o seu emprego (0,398).

<sup>12</sup> Os dados do *facebook* (<https://www.facebook.com/suricateseboso>) mostram que até o dia 25 de junho de 2015 2.255.358 internautas gostaram do facebook do suricate e há 685.508 falando sobre o suricate seboso. Essa página do *facebook* foi desenvolvida por Diego Jovino, como forma de representar suas lembranças da época de escola, os costumes locais, as brincadeiras de criança, o lazer dos jovens, as relações familiares e a fala de sua comunidade. Tal página adquiriu notoriedade, em virtude de os cearenses se identificarem com a forma de falar dos personagens criados por ele. A forma *macho* é muito recorrente na fala de seus personagens.

Tabela 06: Atuação do grau de simetria em função da forma *macho* (*macho x rapaz*)

	Aplica/Total	%	P.R.
<i>Totalmente simétrico</i>	166/230	72,2	0,398
<i>Parcialmente assimétrico</i>	175/208	84,1	0,612

Os fatores totalmente assimétrico e parcialmente simétrico foram excluídos por não haver ocorrências da FT *macho* para tais fatores. Acreditamos que isso tenha ocorrido porque a forma *macho* não é usada frequentemente por mulheres, especialmente por mulheres falando com mulheres. Houve apenas uma ocorrência do uso da forma tratamental *macho* entre mulheres, como podemos ver no excerto abaixo.

(12) Inf. 2: S. disse pro menino que ia ser era assim

Inf. 1: dava o presente... só vai sair chocolate... e haja chocolate no mei do mundo

Inf. 2: não *mah*<sup>13</sup>... pelo menos compra um cedezim pirata que é baratim cinco reais.

(Inq. 49 – Inf. 1: Mulher, 41 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos; Inf. 2: Mulher, 40 anos, escolaridade entre 9 a 11 anos, grifo nosso)

Essa forma mostrou-se muito usada por homens, em especial, em relações solidárias. Independentemente da idade, a forma *macho* é característica peculiar da falantes de Fortaleza, usada, principalmente, por homens em relações solidárias, podendo ocorrer esporadicamente na fala de mulheres. Considerando que os mais jovens e os mais escolarizados favorecem o uso dessa forma de tratamento, acreditamos ser essa forma não estigmatizada na fala popular de Fortaleza. O seu uso parece marcar a identidade de quem a realiza como cearense, por isso, muito recorrente e valorizado pelo fortalezense.

## Considerações finais

As formas de tratamento *macho* e *rapaz* são bastante recorrentes na fala dos fortalezenses. O *macho* é uma forma que indica solidariedade, conforme hipotetizávamos, produzida, principalmente, entre homens jovens e ocorre em conversas com alto grau de intimidade. Os dados nos dão indícios de que

<sup>13</sup> A realização está de acordo com a fala do informante.

seja uma variante não estigmatizada e típica da fala dos mais jovens, visto que a variante aparece em nossos dados apenas nas duas primeiras faixas etárias e os mais escolarizados são os que mais a produzem. Outro ponto destacável é sua alta recorrência, o que nos faz acreditar que a forma ocorra como uma marca identitária, já que um fortalezense reconhece o outro ao usar essa forma de tratamento.

Nossas hipóteses quanto à forma *rapaz* também se confirmaram. Ela se realiza de forma mais neutra e, apesar de pouco menos frequente que *macho*, ocorre para se referir a mulheres também. O seu uso não necessita de grande intimidade, como o *macho*, e os homens de idade adulta são os que mais favorecem a variante. As duas escolaridades mais baixas são as maiores favorecedoras da forma.

Sabemos que essa pesquisa possui limitações, já que não observamos as formas de tratamento estudadas aqui em outros registros, nem analisamos o comportamento destas formas no falar culto de Fortaleza, o que pode ser explorado em futuros trabalhos. No entanto, acreditamos que nossos achados fornecem dados para um melhor entendimento sobre o emprego das formas *macho* e *rapaz* no falar do fortalezense.

## Referências

- ALVES, C. C. B. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: < [http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/3606/1/2010\\_diss\\_CCBALVES.pdf](http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/3606/1/2010_diss_CCBALVES.pdf) >. Acesso em: 05 mar 2013.
- Araújo, A. A. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos*. v. XV. p. 835-845. Disponível em < [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf)>. Acesso em: 01 mar 2013.
- ARAÚJO, L. E. S. A variável *faixa etária* em estudos sociolinguísticos. In: *Estudos Linguísticos de São Paulo, XXXVI(2)*, 2006. GEL - Caderno de Resumos. São Paulo: UNICAMP, maio-agosto. p. 389-398, 2007. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/71.PDF>>. Acesso em: 20 jan 2014>.
- CAMPELO, K. A contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos) e das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). In: Ve-

- redas. Juiz de Fora: fev. 2011.
- CINTRA, L. F. *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte. 1972.
- DUARTE, I. M. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In: *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2010. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25334/2/isabelduarteformas000100229.pdf>> Acesso: 02 abr 2014.
- \_\_\_\_\_. M. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. In: *Matraga*, Rio de Janeiro. v.18, n. 28, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga28/arqs/matraga28a03.pdf>>. Acesso em: 02 abr 2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ceará-Fortaleza- infográficos: histórico. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/1H8>>. Acesso em: 20 jan 2014.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso, São Paulo: Parábola Editorial. 2008.[ Sociolinguistic Patterns. Pensilvânia, 1972].
- LUCCA, N. N. G. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/17608913/A-variacao-tuvoce-no-DF>>. Acesso em: 05 mar. 2013.
- MACHADO, A. L. G.. Relações sociais como fatores decisivos no uso de pronomes de tratamento de 2ª pessoa. In: VI Simpósio nacional Estado e poder: cultura, 2010, São Cristóvão: UFF. *Anais eletrônicos*, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT8/GT8-ANA.pdf>>. Acesso: 02 abr 2014.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. (Série Dispersos). Rio de Janeiro: Ed. Lucena, 2004.
- RODRIGUES, D. F. *Cortesia linguística: uma competência discursivo-textual: formas corteses e descorteses em português*. 2003. 508f. Tese (doutorado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. P.508. 2003. Disponível em <[http://www.esel.ipv.pt/drodrigues/teses/DRodrigues\\_Doutoramento.pdf](http://www.esel.ipv.pt/drodrigues/teses/DRodrigues_Doutoramento.pdf)>. Acesso: 02 abr 2014.
- SANKOFF, G. Age: Apparent time and real time. *Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics*, Second Edition, 2006. Disponível em: <<http://>

- www.ling.upenn.edu/~gillian/PAPERS/Sankoff.Age,AT,RT.pdf>. Acesso em 05 de mar de 2014.
- SANTANA, J. C. D. de. *O uso dos pronomes TU e VOCÊ no falar feirense culto*. Relatório de Pesquisa. 2008. Feira de Santana: UEFS.
- SANTOS, L.S. R. *Formas Nominais De Tratamento Dirigidas Às Mães Por Falantes De Jequié – Bahia*. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013. Disponível em: <[http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/06/reis\\_lucelia.pdf](http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/06/reis_lucelia.pdf)> Acesso em: 05 jun. 2015.
- SOARES, M. E. *As Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC/ RIO, Rio de Janeiro, 1980.
- SURICATE SEBOSO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/suricateseboso?fref=ts>>. Acesso em: 20 ago 2015
- WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M.I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (1968) Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em 12 de setembro de 2016.

Aceito em 30 de outubro de 2016.